

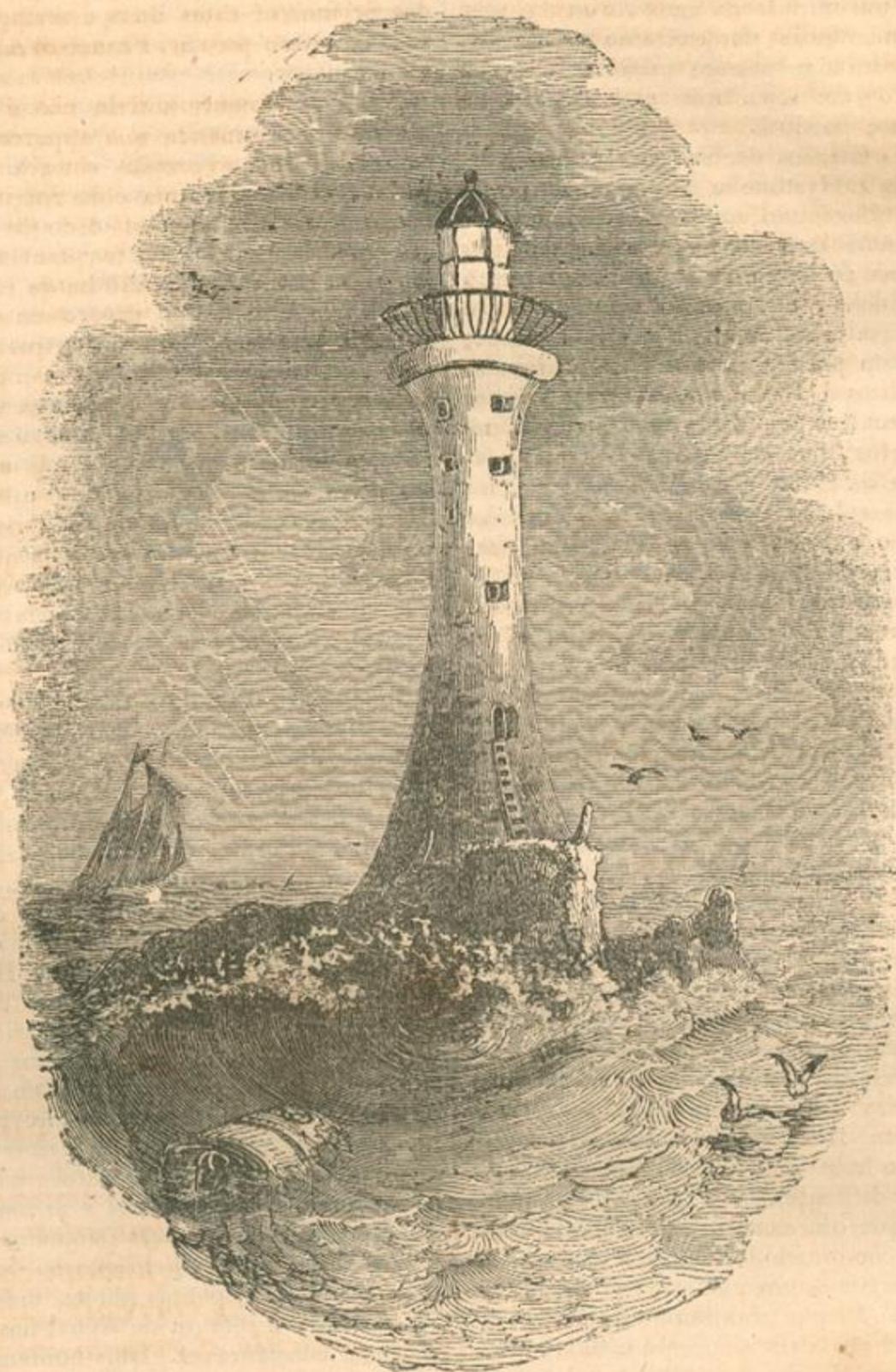
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

113)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JUNHO 29, 1839)



O PHAROL DE BELL-ROCK, NA ESCOCIA.

Do PRINCIPAL pharol da antiguidade, e que a todos os outros deu o nome, já em o N.^o 95, do presente volume, démos breve noticia, e por ella se verá quanto os modernos edificios deste genero differem dos antigos. Ainda no seculo passado o systema dos pharees era mui imperfeito, e ha poucos annos os mais principaes tinham lentes enormes de 22 pollegadas de diametro. Agora usam-se reflectores parabolicos, compostos d'uma lamina circular de cobre, prateada finamente na proporção de seis onças de prata por cada libra de cobre, e formada n'uma curva parabolica por meio d'um molde e d'um methodo de bater a folha mui delicado. Dada a figura ao reflector, pule-se logo com a mão. Colloca-se uma lampada, ou candieiro d'Argand [de mécha circu-

lar] no foco da superficie parabolica, á qual comunica o azeite outro candieiro posto por detrás. Porém este systema tem suas desvantagens; como a perda da luz, parte pela absorção do reflector, e parte pela collisão dos raios; a impossibilidade de augmentar a intensidade da luz em tempo de nevocirro; a dificuldade de formar luzes distintas, &c. — A invenção mais importante das lentes polygonas, em que se obtém refracção em vez de reflecção, ou as lentes annulares de Mr. Fresnel, que são dispostas de tal arte que pela sua união formam um prisma octogono, com a chamma no eixo, e que projecta em raios horisontaes a luz que recebe do centro ou foco, hão-de vir a desterrar o uso dos reflectores.

Nas costas mui extensas e de frequente navegação, é necessário distribuir os pharoes por maneira que os pilotos possam distinguir uns dos outros, e tenham constantemente alguma luz que os dirija em seu rumo. As luzes neste caso devem ser unicas, ou duplices, ou triplices: também se fazem diferentes na cor: umas são estacionarias ao passo que outras giram aparecendo em intervallos conhecidos, dando uma volta em um minuto ou em dois ou em seis. Havendo costas marítimas por extremo nebulosas, necessitam-se pharoes que possam produzir uma luz mui intensa, pelo que seria mui útil allumia-los com gaz, onde fosse possível.

Os pharoes mais famosos por sua construcção e localidades são os de Eddystone e Bell-rock na Grã-Bretanha, e o de Cordouan em França. Eddystone é o nome d'um recife de róchas que se estende por mais de cem leguas ao longo da costa d'Inglaterra, pelo Canal da Mancha, cubertas na maré cheia, e descubertas na baixa-mar. Por isto era mui perigosa a navegação nesta paragem, e muitos navios depois de viagens felizes á India e á America vinham perder-se nestes ocultos penhascos de destruição, na vizinhança dos portos, perecendo os passageiros e as tripulações á vista da chara e desejada patria. Era portanto indispensável, o commercio o sollicitava e a humanidade o exigia, que se erigissem pharoes, que servissem de guia aos pilotos para evitar o perigo, e assegurar a salvação das vidas e fazendas confiadas á sua direcção. O ponto mais importante, na opinião dos náuticos experientes, era uma das róchas denominadas Eddystone, palavra derivada das vozes *eddy*, remoinho, e *stone*, pedra, por formarem as águas, que alli batem encontradas, uma contínua série de pequenas voragens. Porém as mesmas circunstâncias que faziam temíveis aquelles rochedos, e appetecível um signal que os indicasse, dificultavam a erecção d'um pharol, que parecia empreza insuperável. O governo inglez, depois de varias tentativas de particulares, resolveu erigir um n'uma ilhota situada ao sul do porto de Plymouth, quatorze milhas distante da costa; permaneceu porém por pouco tempo aniquilando-o uma furiosa tempestade em 1703; o segundo, construído por empreza particular, resistiu por mais de 30 annos, mas como era de madeira um incêndio casual o destruiu em 1755. A empreza, tractando logo da reedificação, incumbiu a obra ao habil engenheiro, Smeaton, que superando todas as dificuldades erigiu por um plano novo e simples o que ora existe, e que desde 1759 triunpha do furor combinado das águas e dos ventos. A sua elevação é de $106\frac{3}{5}$ pés portuguezes, e o maior diâmetro na base de 32 pés proximamente. O sistema de construcção deste edifício merece estudo por quem tiver o encargo de obra semelhante n'um penhasco insulado, e em posição tão tempestuosa.

O grande pharol de Cordouan, o mais celebre da Europa, está situado na ponta meridional da foz do Garonna, costa occidental de França. Proveio-lhe o nome do mui perigoso recife de Cordouan, que obstrue a entrada daquelle rio, cuja navegação tão importante é para a cidade de Bordeus. Toda aquella costa de França tem sido um deserto d'areia moveida, e a forte ressaca, que corre constantemente da bahia torna difficilíssima de navegar a embocadura do Garonna. A torre do pharol tem d'altura $132\frac{3}{10}$ pés portuguezes; a base, ou corpo inferior, é octogonal até a elevação de 59 pés, ornado tudo com bello estilo de architectura. Dalli para cima continua o edifício com figura conica diminuindo até $30\frac{4}{5}$ pés, e desde uma base deste diâmetro se levanta até fundar em uma plataforma de quasi $16\frac{1}{2}$ pés de diâmetro,

onde está collocado o pharol, ou lanterna, de perito de vinte e dois pés d'alto e pouco mais de nove de diâmetro. O apparato optico deste pharol é formado pelo melhor modelo que se conhece, e considerado como a estructura mais interessante neste ramo que ha no mundo: consiste no sistema de lentes annulares de Mr. Fresnel, que já mencionámos. A torre está n'um espaço circular de $123\frac{1}{4}$ pés rodeado por um talud ou escarpa mui solida sobre a qual se levanta a agua na preamar obra de duas varas para mais; porém na vasante retira-se deixando em seco um grande espaço d'areia ao redor. O talud inclue um numero considerável de quartos semelhantes ás casamatas de fortificação, e na torre ha varias abobadas, cisternas para recolher agua da chuva, e as necessarias vivendas para os empregados do estabelecimento. Estes são quatro; tres permanentes e um em terra por turno. A diferença entre o serviço desse edifício e os do seu genero em outras partes consiste em que os operarios d'outros pharoes não teem mais ocupação senão limpar e manter em bom estado o aparelho da luz e seus accessórios; porém nos pharoes franceses, segundo o novo sistema, são obrigados a formar um exacto e minucioso registo d'observações meteorologicas, e do estado do mar, um diario das occurrencias de cada vigilia, e um livro para apontar os nomes das pessoas que alli vão, e tomar nota de quaesquer observações importantes que os viajantes fizerem; mandando de tudo cópia mensal ao secretario da repartição dos pharoes em Paris.

Resta-nos fallar da estampa que precede este artigo. Representa ella o pharol de Bell-rock, que está n'um ilheu, chamado pela sua figura o *rochedo-sino*, na costa oriental da Escocia, a pouco mais de quatro leguas de distancia da povoação d'Arbroath, condado de Forfar. Foi edificado pelo engenheiro Mr. Stevenson, e pela primeira vez o accenderam em 12 de Fevereiro de 1811. A sapata da torre tem uns trinta e nove pés de diâmetro, com sua silharia gateada, como a de Eddystone. Desde a superficie da rócha até cousta de cinco braças é obra solida; dahi para cima reparte-se em seis camaras distintas, lageadas de pedra: a mais inferior serve de cisterna para agua doce, e de armazem de carvão; a segunda é o deposito do azeite; a terceira serve de cozinha; a quarta é quarto de dormir; a quinta serve de livraria e para instrumentos; e a sexta, feita toda de ferro, contém o farol e as luzes. Sendo as noites obscurissimas ás vezes naquellas paragens, a luz vem a ser invisivel, pelo que ha duas grandes campas aos lados, suspensas por tal modo que se conservão soando, e servem de signal aos marinheiros em distancia considerável. Dois homens vivem constantemente na torre, mantendo comunicação com outro que habita n'uma torre em Arbroath. Nas costas d'Inglaterra e França se vão construindo muitos pharoes, como sabemos pelas gazetas, porque assim o exigem a extensão, e a posição marítima dos dois paizes, e a sua muita navegação.

EDUCAÇÃO PHYSICA DA PRIMEIRA INFANCIA.

(Continuado de pag. 194).

Não é só pela grande quantidade de alimentos, mas também pela sua má qualidade, que se pecca no regimen das creanças. Os caldos feitos com farinaceos não fermentados, a açorda com assucar, as especiarias, doces, pasteis, &c. nunca se lhes deviam dar. Produzem os primeiros azias, colicas, diarrheas e convulsões; e todos em geral excitam as creanças

à tomar mais alimento do que deviam. Isto as faz engordar demais, o que não é, como o vulgo crê, signal de saude; porque as creanças mui gordas são mais que as outras sujeitas a affecções espasmódicas e convulsas, a cattharro, &c. Os alimentos simples, mais leves e faceis de digerir, são os unicos que convém em taes edades, em consequencia da fraqueza dos orgãos da digestão. O pão bem amassado e cozido é o alimento mais apropriado; e pôde-se-lhe adjuntar o leite de vacca, do seguinte modo: coze-se o pão em agua, e escoando-se esta, deita-se sobre o pão sufficiente quantidade de leite frio ou morno, mas que não tenha sido servido. Quando a creança chega aos seis ou oito mezes precisa de sustento mais substancial: é bom então dar-lhe sopas de carne duas ou tres vezes por dia; mas não convém que coma carne antes de estar desmamada, e de ter dentes com que mastigar, e ainda assim deve comer mui pouca. O regimen vegeto-animal se torna necessário nesta epocha; porque se a creança fizesse uso só de vegetaes, como o aconselham alguns auctores, que consultaram mais a sua imaginação que a natureza e a experiençia, ficaria sujeita ás azias, e a tudo o mais que dahi provém.

Como a creança vai crescendo, começa a precisar de mais alimento. Depois de desmamada deve-se-lhe dar de comer quatro ou cinco vezes por dia, mas nunca de noite. A quantidade deve ser proporcional ao appetite, e quando os alimentos são simples, é raro que ella queira mais do que é necessário: todavia, tambem não se lhe deve dar menos do que precisa, como fazem alguns paes, receando que a creança se torne estupida. Este excesso é mais perigoso ainda que o excesso contrario, porque o abatimento que isto produz é quasi sempre mortal, sendo certo que a natureza remedia melhor as molestias que provém de demasiado enchimento de estomago.

A fructa é mui proveitosa ás creanças; a natureza faz que a appeteçam; por isso ellas a buscam avidamente, e a preferem a outra qualquer substancia. O que importa é dar-lha bem madura, e tomar tento em que não comam muita.

Tanto que a creança chega aos tres annos, se é robusta, convém habitua-la a usar de todos os alimentos vegetaes com moderação e aumentar gradualmente a quantidade de carne, principalmente da que for gelatinosa. É necessário variar-lhe os alimentos, mas que estes sejam sempre simples. Ha quem aconselhe a abstinencia dos legumes, dos farinaceos, e das raizes. Este conselho não serve se não para as creanças fracas e doentes, porque para as fortes e sadias taes alimentos são excellentes.

A saída dos dentes é muitas vezes uma epocha critica acompanhada de diarrheas, colicas, convulsões, febres agudas, e que não raro é fatal para as creanças. Todavia esta doença não é natural; porque muitas nada padecem, ou mui pouco, o que demonstra que taes affecções não são forçosas; e com effeito dependem, por via de regra, da plethora e azedume dos succos digestivos, e sobre tudo da grande mobilidade do systema nervoso. Podem-se, pois, impedir, sujeitando as creanças á dieta já apontada, e que a experiençia prova ser conforme com a natureza.

Todos os preceitos que temos dado seriam inuteis, e a creança ficaria sempre debil, se desprezassem o exercicio, cujo desejo nasce com o homem. A rachitis, e as alporeas provém as mais das vezes da inacção e constrangimento em que tem as creanças, que naturalmente são inclinadas ao movimento; mas como dos primeiros mezes o não pôdem fazer, por si

proprias, é necessário encarregar deste cuidado as amas. O exercicio mais conveniente para as creanças que ainda não andam é leva-las ao ar livre, recomendando-se a quem as leva, que as mude de braço, para que não contraiam o habito de se inclinarem mais para um que para outro lado, o que com o andar do tempo pôde produzir um aleijão na columna vertebral, e no lado que se acostumou a estar torcido. O melhor modo, porém, de trazer uma creança será em ambos os braços, de modo que ella se encoste ao peito da pessoa que a traz. Nesta attitude nenhum dos membros fica em postura falsa.

Outro exercicio não menos util nos primeiros mezes, digam o que quizerem os que reprovam por officio todos os costumes populares, é o embalar. A renovação frequente do ar, os aballos moderados de todos os membros, e a acção reciproca das visceras que isto produz, faz necessariamente uma impressão salutar nos orgãos da creança: devendo-se accrescentar a isto que o embalar a distrae quando padece; e embota a excessiva sensibilidade dos nervos, mas não os torna callosos.

Não deve haver pressa em fazer andar as creanças: só depois de se desmamarem aos dez mezes, e quando as extremidades inferiores já tem bastante força para sustar o peso do corpo, é que convém i-las habituando a isso. O melhor methodo é segurar-las pela mão. Deve-se proscrever o uso de andadeiras, que obrigam a inclinar as creanças para diante, e as fazem curvar; porque lhes pesa sobre o peito todo o corpo, do que resulta que o peito se encontra, e a respiração se opprime. O verdadeiro é deixá-las receber as lições da natureza e da experiençia, consentindo que se rolem pelo chão. Não só as fortalece este exercicio, mas ensina-as a servirem-se dos membros: começam assim a caminhar sós muito cedo, sem necessidade de guia.

Tanto que a creança pôde andar, importa que a deixem exercitar ao ar livre, e não lhe embaraçar os movimentos e brincos proprios da sua edade. As carreiras, os saltos, e os outros exercicios são absolutamente precisos, e só por este meio ganha robustez o corpo: cumpre, todavia, fazer-lhe evitar o excesso, que esgota as forças, e causa graves doenças, produzindo nos corpos tenros o mesmo effeito que o trabalho immoderado ou prematuro produz nos artifícies e lavradores. Os orgãos endurecem, o corpo envelhece mui cedo, e por consequencia não se desenvolve inteiramente, nem cresce quanto devia crescer.

As fricções secas na pelle das creanças é meio eficaz, e propriissimo para as fazer robustas. Produzem o mesmo effeito que o exercicio, favorecendo a livre circulação das forças. Este meio empregado nos tempos mais remotos, e desprezado hoje, dá desembaraço aos orgãos, e favorece o seu desenvolvimento. Cousa é esta que nunca será de mais o recommenda-la.

São os banhos frios de grande proveito, tanto nos paizes septentrionaes, como nos nossos, em que os corpos tem que padecer, frequentes vezes, repentinas mudanças d'atmosphera. Nada é tambem mais conveniente para dar aos orgãos o vigor necessário para resistir ás impressões subitas, que obrigam a movimentos oppostos, e que se cruzam, e succedem rapidamente.

O sonmo é o estado quasi continuo dos recem-nascidos. Assim era necessário para dispor o corpo para a nutrição e desenvolvimento. Quasi todos os primeiros instantes da infancia são marcados pela necessidade de dormir; mas, ao passo que o homem se affasta da sua origem, essa precisão diminue; de modo que na edade proiecta debalde a invoca. Na velhice é atormentado pela insomnia; e poucos in-

dividuos ha, que nessa edade se não queixem de pouco dormir.

As camas, ou berços em que dormem as creanças devem estar em sitio bem arejado. Nada ha mais pernicioso que o ar não renovado e corrupto. Deitam, por via de regra, as creanças de costas: esta situação não é a mais favoravel, e quando as deixam á sua vontade, raras vezes se põem desse modo: é de lado que ellas ordinariamente se deitam, com as pernas e braços alguma cousa encolhidos. Esta postura é a mais vantajosa, porque deixa livre o jogo das visceras, quando pelo contrario, deitando-se de costas, a acção e o curso dos humores é violentado, na cabeça, no peito, e no ventre.

Convém que seja dura a cama das creanças, e até apenas um enxergão: cama dura dá-lhes força e vigor: um leito brando enfraquece-as e abate-as.

Não se tem a que não possam dormir achando-a dura; porque para uma creança tudo serve de cama.

Em geral é essencialissimo habituar as creanças a uma vida aspera e activa: bom seria até que lhes fizessem supportar algumas privações, e que soubessem o que é a fome, a sede, e principalmente a fadiga. E-lhes proveitoso saber que o appetite é o melhor cosinheiro, e o unico de estimar. Estes meios não contribuem pouco para fortificar os orgãos, assegurar a saude, e prolongar a vida. Nada debilita mais, nem predispõe tanto para padecer enfermidades, que pretender resguardar as creanças do menor sopro de vento, e te-las muito abafadas, encher-lhe o estomago de alimentos delicados, e consentir-lhes o uso de vinho, do café, do chocolate, e dos tempos irritantes.



O RAJÁ DE BARODA.

BARODA é uma populosa cidade das Indias Orientais, com ruas largas, porém immundas e atulhadas de porcos que giram por toda a parte, e que não inculcam opulencia, posto que haja muita casa rica de comerciantes, tanto indígenas como europeus. A casaria da cidade é geralmente mui alta, pela maior parte feita de madeira e cuberta de telhas. O palacio do rajá, edificio velho de igual genero, tem quatro andares, e está situado na praça principal. Fóra da cidade está o aquartelamento das tropas britannicas, que é uma completa aldea ingleza, como muitas dos arredores de Londres, de casas de tijolos

e jardins e hortejos fechados com tapumes de verduira: o templo christão está no meio, é de construção gothica e elegante, e tem capacidade para 400 a 500 pessoas.

O actual rajá de Baroda é homem de talento e que governa os seus estados independentemente de conselhos de ministros, regendo com tanta justiça como energia: o seu defeito unico é um excessivo amor de dinheiro. O territorio que possue é dilatado, mas não todo pegado; são trechos de provincias extravagantemente entremeados com as possessões inglesas e as de muitos rajás independentes. As suas

rendas, que sobem a oito milhões de cruzados, são excessivas comparativamente com o territorio de seus dominios, que pela maior parte é bravio e esteril: só poderá isto explicar-se pela notavel fertilidade e muita população dos poucos districtos que são realmente productivos. Finalmente o rajá de Baroda é, abaixo de Rundjit-Sing, rei de Labor, [+] o mais rico e poderoso soberano daquellas partes da India.

GRÃO SARRACENO.

(*Polygonum Fagopyrum LIN.*.)

O GRÃO sarraceno, ou trigo negro, que os franceses chamam *sarrasin*, *blé noir*, ou *carabin*; e os alemaes *buchweizen*, é oriundo da Persia e da Syria, donde os cruzados o trouxeram á Europa, e se tem vulgarizado, excepto em Portugal, não obstante que a nossa propria experincia por alguns annos nos tem ensinado ser a cultura que por cá mais convém, especialmente nas terras fracas, e ao mesmo tempo secas e quentes. Este cereal serve de nutrição aos habitantes de muitos paizes, que sem elle ficariam reduzidos á mais deploravel miseria. Os cavallos, carneiros, bois, porcos e todas as aves domesticas o comem bem. A sua farinha é muito branca, porém, como não tem *gluten*, por si só não pôde fazer pão, sem alguma mistura: comtudo é muito substancial, e pôde-se della fazer papas, caldos, ou canjas substanciaes. Moido o grão com a casca fica a farinha escura, no que não fará reparo quem attender a que tambem a casca do milho faz a sua farinha, e depois a broa amarella; e quem quizer a farinha branca pôde fazer descascar primeiro.

O grão sarraceno não carece, por assim dizer, de casta alguma de cultura: é semea-lo, e depois apanha-lo. O seu rapido crescimento e a facilidade com que medra, nos terrenos mais aridos, deve faze-lo considerar como um precioso objecto de cultura: só os chãos frios e humidos não lhe convém: e se as terras tiverem nateiro de mais, a planta converter-se-ha mais em herva, e dará menos grão: comtudo a herva, além de se poder misturar com feno, serve com grande utilidade para estrumar e adubar as terras.

Passadas dez ou onze semanas, depois de feita a sementeira, deve fazer-se a colheita, e por isso cada anno dá duas sementeiras, podendo ser até no mesmo terreno. No outono e inverno não se pôde semear, senão para ter forragem; porquanto o grão ressente-se muito das orvalhadas. — A primeira sementeira deve fazer-se em Abril, e passado o tempo determinado das onze semanas, quando o grão já está feito e maduro; e por isso pôde recolher-se e fazer a segunda em Julho, até no mesmo terreno se se quiser; porém é essencial que o terreno em que se semeia tenha lentura bastante para poder nascer a sementeira, pois para o crescimento já não precisa de humidade: para este fim pôde-se regar o chão antes de o semear, ou melhor, aproveitar-se de algum chovisco como se practica com os nabos. Cada grão pôde render cem bagos, e se houver duas sementeiras vem a render duzentos, no mesmo terreno, supondo que a sementeira se não faz com o grão do mesmo anno. A semente nasce em oito ou dez dias, e, depois de quinze dias do nascimento, já adquire flor, que conserva até criado o grão. Comtudo será melhor afolhar com centeio no mesmo anno, porquanto depois desta colheita ainda é tempo da sementeira. Dá tambem com abundancia

nos terrenos que serviram a ervilhas, favas, batatas, &c.

A colheita do grão faz-se arrancando a planta toda, na occasião em que a maior parte dos grãos estão maduros, porém sem estarem muito secos, pois neste caso caem tanto como as sementes das boas noites, com que o trigo tem parecências na cõr da casca e na farinha. — Alguns costumam apanha-lo logo que a flor sécca, sem que por isso o grão fique menos maduro e bom. Arrancados os pés, vão-se enfeixando e levando para alguma eira: estes feixes cobrem-se de palha, ou com outros feixes de pés para o ar, assim de evitar que os passaros o venham comer. Passados dias está completamente secco, e se malha como se faz ao trigo, limpa-se o grão da mesma maneira, e se guarda pela mesma forma; os seus bagos, ainda no fim de tres annos, estarão bons para semear.

Um dos melhores usos desta planta é estercar a terra: para isto, passadas cinco ou seis semanas, depois de feita a segunda sementeira, enterram-se as plantas que apodrecem e formam adubo. Lavrase no outono, e semea-se o cereal que se pertende: isto é excellente para fecundar as terras fracas, arentas e magras, e o temos posto em practica nas visinhanças da Marinha Grande.

Do seu feno poucos animaes gostam; e por isso se pôde aproveitar em estrumeiras, &c. As abelhas procuram muito o mel das suas brancas flores, e quem tiver colmeas o poderá semear ao pé delas. O mel toma cõr, mas é agradável.

Temos lembrança de haver lido n'um dos numeros do *Jornal de Coimbra*, ha mais de vinte annos, o annuncio de um curioso que o tinha semeado; não sabemos porém que isso tivesse resultado favoravel na propagação. Ultimamente mandámos vir alguns alqueires de Alemanha, que temos cultivado e entre muitas pessoas distribuido bastante e com proveito, pois o temos em abundancia; e pela nossa parte procuramos ser novos introductores, e esperamos que se propague em Portugal, attenta a sua producção e facil cultura; quando a do milho, apesar das suas utilidades não gratifica generosamente os cuidados do lavrador, as despezas com o semear, sachar, e arrendar; e não se pôde bem sustentar com o grande journal dos trabalhadores comparado ao baixo preço por que se vende. Remetemos uma porção de semente para ser distribuida pelos assignantes do Panorama; e se algum lavrador quiser porção maior não faltará nos arredores da Marinha Grande quem a venda.

*

Este artigo nos foi remettido com uma porção de semente pelo administrador das Matas, o Sr. *Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen*, a quem sinceramente agradecemos o seu patriotismo e interesse pelo bem publico, e pela agricultura em Portugal; e sendo as suas considerações palpaveis, esperamos serão seguidas.

Distribuiremos aos Srs. assignantes a porção de semente que nos foi enviada.

SINGULAR EXEMPLO DE PRODIGALIDADE.

É SABIDO que nas provincias de Chen-si, e de Chansi vive grande numero de homens os mais opulentos da China. Diz-se que elles possuem pilhas de prata como montanhas. Os principaes capitalistas de Cantão vêm destas provincias.

Nos ultimos annos do reinado de Kia-king, falecido em 1820, uma rica viuva, chamada Tchei, vivia no distrito de Tai-yuan-fu, e tinha um filho

(*) Veja-se o retrato e uma noticia deste príncipe a pag. 90 de Vol. 2.^o

que se entregou a toda a casta de extravagancia. Eis um exemplo das desarrasoadas despezas: gostava muito de jogar o xadrez; mas fazer bulir as peças em um tabuleiro de pau pareceu-lhe que era um divertimento muito sem sabor, apesar de ter grande inclinação por tal jogo. Tchù concebeu, portanto, uma idéa inteiramente nova; mandou pintar o sobrado de um quarto espaçoso em forma de tabuleiro, e de roda fez colocar mesas para elle e para os seus amigos. Para figuras comprou muitas mulheres formosas, e vestiu-as de diversas maneiras: ensinou-as a fazerem por signaes as vezes de peões, torres, reis, rainhas, &c. Este sublime jogador de xadrez pouava-se ao trabalho de guardar as peças do jogo; porque a um aceno todas sahiam pela porta fóra.

O imperador, avisado do caso, offendido provavelmente de que um subdito tivesse mais luxo que elle, deu mostras de estar espantosamente encolerizado com a lembrança da compra das escravas para fazerem as vezes de peças d'um jogo de xadrez. Condemnou, portanto, Tchù em 3:000:000 taeis, ou 10 milhões de cruzados, e a ser desterrado por toda a vida para o paiz dos mantchús; mandando-lhe dizer que devia agradecer o não lhe tirarem a cabeça de cima dos hombros.

METHODO USADO EM SIAO PARA ATINAR COM OS LADRÕES.

TENDO um homem declarado que lhe tinham furtado duas barrinhas d'ouro, o magistrado depois d'averiguar se o facto era verdadeiro, fez trazer á sua presença todas as pessoas, que por qualquer modo tinham tido acesso ao cofre onde aquelles objectos estavam guardados; depois mandou por um dos seus beleguins chamar um feiticeiro: veio este, e trouxe consigo uma grande porção de barro secco, que tinha certa apparencia de metal, dividido em pedacinhos compridos e quadrangulares, da grossura do dedo minimo. O feiticeiro interrogou cada um dos indiciados, e lhes perguntou se sabiam alguma cousa relativamente ao ouro, que fôra roubado: naturalmente todos negaram terem-o visto. Então o magico accendeu uma vela, pôz-lhe de cada lado uma moeda que lhe entregou o dono do ouro e recitou uma breve oração ou formula magica: depois pegou em um dos pedaços de barra secco, levou-o tres vezes ao alto da cabeça, com muita ceremonia, e medindo-o com o dedo minimo, o partiu em hocados, do comprimento de polegada e meia, e deu tres a cada um dos accusados para que os mastigassem. Todos, para mostrarem a sua innocencia, mastigaram o barro o mais depressa que poderam; quando estava bem amollecido, todos os que poderam cuspi-lo fôra foram soltos. Era cousa curiosa vér uma duzia de pessoas de ambos os sexos com a boca cheia de barro azul, trabalhando de pedaço a pedaço para o cuspir fôra delido. Emfim, passados dez minutos, todos o alcançaram á excepção de uma rapariga de 15 annos, que não pôde humedecer bastante o barro com a saliva, e que por consequencia foi julgada culpada; e por mais que protestasse estar inocente nada lhe aproveitou. O feiticeiro foi-se andando com a vela e com as duas moedas, deixando a rapariga lavada em lagrymas. Tal é a veneração que os siamezes tem a esta ridicula prova, que só pelo argumento tirado do mastigar o barro, condemnam qualquer a ações e cadea como ladrão. No caso que referimos foi a rapariga ameaçada unicamente com a prisão. — (*Singapore Chronicle*).

O MAIOR JANTAR.

EM 1573, Philippe 2.º margrave de Bade-Bade, deu em casamento sua irman Anna-Maria a um rico fidalgo bohemio, chamado Guilherme de Rosenberg. Este, lisongeado, como devia ficar, com uma união tão honrosa, deu um banquete, que durou sete dias. Eis a lista do que nelle se gastou, a qual é tirada de Balbini *Epitome rerum bohemiarum*.

Veados	40
Gamos	50
Barris de caça salgada	50
Lebres	2:130
Faisões	250
Gallinhas bravas	30
Perdizes	2:050
Tordos, narcejas, e pombos bravos . . .	20:688
Bois	150
Vitellas	20
Pavões	350
Patos	5:153
Gallinhas, frangas, &c.	3:106
Carpas	18:120
Lucios	10:209
Trutas	6:380
Outros diversos peixes frescos	3:400
Peixes de fumeiro	7:096
Caranguejos, lagostins, &c.	342:000
Bacalhaus seccos	350
Bezerros	526
Paios, e salchichões	1:526
Chouriços	456
Salchichas	326
Porcos	150
Carneiros	450
Cordeiros	395
Leitões	504
Bois de fumeiro	20
Sombrias, verdelhões	1:200
Lampreias	675
Massas de peixe miudo	300
Arenques de salmoura	780
Esturjões	4
Barricas d'arenques salpicados	4

É escusado dizer a porção de bebidas que devia acompanhar esta enorme quantidade de guisados; basta lembrar que o banquete era dado em Alemanha no seculo 16.º

MUSICA.

A harmonia e a melodia.

COMPÕE-SE a musica da harmonia e da melodia. Chama-se melodia o thema ou canto principal de uma peça de musica. A harmonia é uma serie de diversos sons accordes, que se tiram com a voz ou com os instrumentos para sustentar e fortalecer o canto principal. É ordinariamente nas partes altas, como rebecas, ou flautas, que se encontra a melodia, e quando o acompanhamento é pouco forte, mui facil se torna o percebe-la. Todavia pôde encontrar-se tambem nos baixos: então a attenção distrahida pelos instrumentos que dão notas agudas tem necessidade de fazer mais diligencia para a seguir em todos os seus rodeios.

A melodia sustentada por uma harmonia debil não faz effeito, salvo se está fortissimamente caracterizada. A harmonia sem melodia é sempre musica má.

Pôde-se muitas vezes crer que a uma symphonia, ou outra qualquer composição falta a melodia, porque se não soube acha-la, ao passo que ouvidos a isso habituados a percebem com maior ou menor facilidade, e sabem avaliar-lhe o merecimento. É por esse motivo que cumpre ouvir muitas vezes uma peça de musica, e escuta-la attentamente, sobre tudo quando a nossa educação foi imperfeita quanto á musica, para poder ajuisar, sem temeridade, que tem falta de melodia. Acontece muitas vezes que o publico, pouco costumado a este genero d'impresões, nada sabe distinguir acima das harmonias estrepitosas de numerosa orchestra, ao passo que os verdadeiros entendedores sentem surgir, acima dessa enorme porção de sons, um canto mais ou menos interessante.

A harmonia e a melodia devem mutuamente ajudar-se; nem podem passar uma sem outra. Teem-se visto, todavia, cantos unisonos, sem acompanhamento, aballarem profundamente um numeroso auditório; mas isso deve-se attribuir primeiramente á extraordinaria belleza de certas melodias combinadas para produzirem tal efeito, depois ao numero consideravel de vozes que as executaram.

Pertence inteiramente a melodia á inspiração do compositor, em quanto a harmonia é quasi unicamente efeito da arte. Comtudo ha, além da scien-cia, certa casta d'instincto, que faz descobrir uma harmonia poderosa e de notavel efeito, naquelles trechos em que um compositor mediocre não acharia senão combinações vulgares. Ás vezes aparecem muitas melodias juntas em um pedaço de musica. Esta riqueza pôde cansar ouvidos pouco habituados a isso; mas fará grandissima impressão no publico entendido, que sabe appreciar as concepções sublimes de um artista illustre.

AS LOJAS DE LONDRES.

QUANDO um estrangeiro chega á cidade de Londres, o esplendor das lojas principaes é uma das primeiras maravilhas que lhe captivam a attenção: é principalmente nas dos ourives, dos joalheiros, dos mercadores de pannos, de cristas e de porcelanas, que se lhe vão os olhos. Muitas vezes só em uma vidraça ou taboleta acha uma tal collecção de objectos preciosos, que bastaria o valor delles para comprar um principado na Italia. O aspecto de cousas tão brilhantes produz no espirito espanto e satisfação ao mesmo tempo: tudo é magnifico, trabalhado com gosto delicadissimo, e tão rico que faz crer que só a um rei seria dado pagar por conveniente preço tais mercadorias; e o estrangeiro anda muito tempo sem saber resolver como o logista possa vender tão preciosos objectos. Tomemos para exemplo a loja d'un ourives: são baixellas, a que dão immenso valor ornatos riquissimos e elegantes: vasos, e adereces de mesa, cujo dispendioso luxo só pôde ter cabimento nos pomposos banquetes dos principes. Por todo o comprimento do espaçoso armazem, montões de ouro e prata, fragmentos de trastes que já não são da moda, esperam que mão habil os torne a fazer apparesentar debaixo das diversas fórmas de vasos, candieiros, bules, e mais trastes necessarios nas casas opulentas. Faz gosto calcular quantos individuos teem o seu modo de vida só neste ramo d'industria e de commercio, e por quantas mãos laboriosas ha-de passar cada objecto, desde a fornalha até o buril do gravador, antes de ser julgado digno de o pôrem á venda.

A ordem que ha entre as pessoas empregadas nos

grandes estabelecimentos de Londres, para que cumpram, como deve ser, as suas obrigações, merece que della se faça particular menção. Poremos por exemplo um vasto armazem de sedas. A loja, que talvez representa um capital de 200:000 libras esterlinas, está dividida em muitos repartimentos, nos quaes estão separadas as diversas especies de fazendas, havendo em cada um delles um corpo especial de caixeiros: assim, o numero de empregados em uma loja de tal importancia, sobe ás vezes a mais de cem, entre os quaes se não contam os donos. Todos os que trabalham n'un estabelecimento deste genero estão alojados em quartos situados por cima do armazem, e cada qual recebe um salario conforme a sua capacidade e graduacão. A direcção de semelhante casa, e a conservação da boa ordem entre tanta gente exige uma regularidade tão exacta como a da guarnição de uma praça de guerra. Cada individuo tem sua cama separada; mas comem juntos, ás esquadras, e a horas certas, para não enfraquecer as forças empregadas no serviço activo do armazem. Cada qual tem seu numero que indica o logar, em que se ha-de assentar á meza, quando as suas relações com os freguezes lhe permittem vir jantar. Toca para isto uma sineta, em dando uma hora, e então vae a primeira esquadra: de meia em meia hora a mesma sineta chama successivamente as diversas divisões para a meza, a qual é mui farta; e isto até as quatro horas. Além disso, não faltam divertimentos decentes a este exercito de rapazes caixeiros. Ha na casa uma biblioteca que contém os jornaes e revistas litterarias periodicas: todos ahi podem entrar, e ter, durante o serão, um recreio das fadigas que lhes causou o trabalho assiduo de todo o dia. E por este modo que desde pela manhã até a noite, todos os membros do estabelecimento estão ocupados, e sempre debaixo da vigilancia do patrão, sistema bem de antepôr ao que seguem as casas de commercio de menos monta, em que os caixeiros jantam fóra; de modo que teem a facilidade de gastar mal o tempo que pertence a seu amo, ou de andarem com más companhias.

É cousa curiosissima observar o mecanismo d'un grande estabelecimento commercial como o que descrevemos, onde tudo se faz com ordem, e onde parece impossivel haver confusão. Cada qual sabe o que tem que fazer, e todos estão no seu posto; mas para melhor se haverem de cumprir todos os deveres, ha dois, ou mais inspectores, ou vigias, que gyram pelas salas e escriptorios, tendo sempre a olho a conservação das mercadorias, e oferecendo cadeiras ás senhoras, que entram no armazem. Em lojas como estas, um unico individuo, o caixa ou recebedor, recebe no seu escriptorio o dinheiro dos compradores. Ha na capital muitas destas casas de mercadores de retalho, em ponto maior ou mais pequeno, cujos donos apuram 10:000 a 20:000 libras esterlinas por anno. Correm-se, todavia, grandes riscos; porque a voga e a moda regulam a sorte destes estabelecimentos: ás vezes menos de doze mezes bastarão para os fazer subir ao maximo gráu de prosperidade; outras vezes dentro de dois annos teem-se deitado a perder. Se os mercadores chegam a ganhar reputação entre os peralvilhos, podem em pouco tempo ajuntar grosso cabedal. Para conservarem freguezia os fabricantes de tecidos de melhor gosto mandam a estes negociantes opulentos as mais bonitas amostras dos novos productos da sua industria. Tudo o que se fabrica em certo determinado tempo tem venda prompta; e como esta é feita a dinheiro de contado, os lucros são immediatos

para o fabricante; e ao mesmo tempo o mercador de retalho pôde dar a fazenda ao publico mais barata do que outras casas de menos porte. Alguns destes grandes armazens não conservam as mercadorias mais de doze ou quinze dias. Se não tiveram compradores, mandam-as para as lojas de algumas povoações vizinhas.

O sistema seguido em todas as casas de comércio é quasi identico: a importancia total do trâcto que tiveram no decurso do anno é quem as gradua, e muitas vezes lhes dá a fama de que gosam. Deveremos aqui dizer, em honra dos logistas, que ha muitos que conservam os seus freguezes trinta e quarenta annos, ou até que a morte quebre o fio das suas mutuas relações, o que não se pôde attribuir senão á probidade no vender, e á exacção no pagar.

Passando com indifferença pelas lojas, que nada tem notável, o estrangeiro scisma em como seja possivel haver em Londres tantos armazens de fato feito para todas as classes, e de todas as qualidades, desde a casaca do casquilho até as meias velhas já concertadas.

Ha lojas aonde os alfaiates, quando lhes acontece estragarem alguma casaca á moda, talhada para freguez apurado, mandam vendê-la, e essa casaca que custaria, se houvesse saído boa, seis guinéus, não se vende lá por mais de duas libras e seis shillings: o mesmo acontece com o demais fato. Esta mesma casaca, depois de andar em serviço activo ás costas de segundo dono, passa para outra loja, onde a reduzem ao preço de 20 ou 25 shillings, e ainda pôde ir fazer muito boa figura no espinhaço d'algum moço que, por pouco dinheiro, quer ser tido em conta de casquilho. No serviço deste vae aturando até o panno começar a roçar-se pelas costuras, ou, para fallar tecnicamente, até perder o lustro. Vae então a viandante casaca dar a casa d'algum judeu, ou belforinheiro, daquelles que correm as ruas de Londres, gritando a espacos: *casacas velhas!* para assim darem aviso de que compram fatiota usada. Este novo comprador examina aquelle traste com miudeza e cuidado, e não cessa de o menoscabar até que lh' o deem por oito ou dez shillings. A casaca passa então por uma metamorphose completa: lavada, desceebada, e ás vezes virada, rutilante com sua góla de veludo preto e com abotoadura nova, vae caír nas costas de algum aprendiz, ou pessoa semelhante, que quer campar de fidalgo, com casaca de talhê á moderna; mas como o concerto que levou, foi justamente para durar até ser vendida, aparecem-lhe logo as mazelas, e o novo dono não pôde impôr com ella, nem no jardim onde vae tomar chá, nem no passeio com os amigos. A pobre casaca vagabunda volta então outra vez para o saco do judeu, que a compra por quatro shillings e alguns pences, e que a vira e revira, corta e recorta, para lhe dar talvez a forma de uma vestia, enfeitada de botões amarelos, que servirá de adorno a algum laponio. Então compra-la-ha um avô, para com ella enfeitar a tenra vergonete da sua raça, e o nosso rapaz andará mui ufano algnns dias com o seu vestido novo, até que os cotovellos lhe deem o cruel desengano de que uma casaca não é cousa que dure por toda a eternidade.

Todavia, neste ultimo periodo da sua vida, muitos acasos podem ainda modificar-lhe a sorte. Pôde ser cheia de palha, e figurar em alguma entrudada no meio da rua; mas talvez que menos affrontoso fado a aguarde, e que industriosa matrona, alcançando ser dona daquelles farrapos, venha a tirar delles umas polainas, para as pernas de algum gottoso; e até pôde acontecer que ainda se converta em ele-

gante monteira, enfeitada com seu galão e borla de ouro: finalmente, convertida em papel pardo, talvez venha a servir para embrulhar alguma casaca nova, e vá ainda visitar a pessoa que a possuiu, quando estava no viço da mocidade.

ASCENSÃO DE UM BALÃO.

O CELEBRE aeronauta inglez, Mr. Greem subiu no dia dez de Setembro de 1833, em companhia de Mr. Rurh, em 7 minutos, 12:000 pés: pouco depois chegaram a 18:000 pés d'altura. Neste ponto encontraram uma corrente d'ar, a razão de 20 leguas por hora, soffrendo na cara e nas mãos um frio insupportavel, que quasi lhes não permittia respirar. Descarregando então todo o lastro, menos 70 arrateis, subiram até a prodigiosa elevação de 29:860 pés, alguma cousa *mais de cinco milhas!* Apesar de se terem remontado tanto, andaram em 5 quartos d'hora, a distancia de 50 milhas ou 17 leguas. — *D. José d'Urcullu.* — *Tractado de Geographia.*

O maior sino do mundo. — Em Meaco, cidade principal do Japão, e mui nomeada nas cartas dos nossos missionarios jesuitas do seculo 16.^o, ha um *Zi* ou templo de Buddha, onde existe o maior sino que se conbece no mundo. Tem este sino 17 pés e 2 $\frac{1}{2}$ pollegadas de altura, e pesa 1:700:000 libras japo-nesas, que equivalem a 2:040:000 libras hollandezas. O seu peso é portanto cinco vezes maior que o do celebre sino de Ivan-veliki em Moscow.

TENDES pezares? — Pregae os olhos em uma creança que esteja dormindo, e a quem nenhuns cuidados perturbam: assim convertereis em substancia propria parte da sua innocencia, e sentireis coar-vos no coração a paz. — *Chateaubriand.*

Os S.^{res} Assignantes, que mudarem de residencia neste semestre, queiram ter a bondade de o participar á Direcção, para se dirigir o Jornal ás suas novas moradas.

Os S.^{res} Assignantes cujas assignaturas de semestre findam com este N.^o 113, são convidados pelo presente a renová-las quanto antes [querendo] para não sofrerem interrupção no recebimento do Jornal.

Novamente a Direcção avisa aos S.^{res} Assignantes das provincias, que recebem pelo correio, de que Sua Magestade Fez a Graça de Mandar que o Panorama, á imitação de outros Jornaes litterarios, pagasse de porte só a quarta parte do que pagam as cartas.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 — D.

LISBOA — NA TYPGRAPHIA DA SOCIEDADE.